

INFLUÊNCIA DA CORPOREIDADE NA CONSTRUÇÃO DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DE CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAS.

ANDRESA CRISTINA DAMACENO LIBERALI (ALUNA PESQUISADORA DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO).

Resumo

A intenção desta pesquisa é mostrar a importância da corporeidade no processo de aquisição da leitura e escrita, pois se observa que a escola, ao tentar conter a expressividade do movimento infantil para manutenção da ordem e da disciplina, faz com que a criança passe a ver o ambiente escolar como um lugar castrador que não promove encontros de aprendizagem pela via da ludicidade e do movimento espontâneo. Contudo, trabalhar os esquemas corporais na infância é fundamental, considerando que não existe um ser que aprende cognitivamente e outro que age fisicamente. Pretende-se apresentar uma proposta de alfabetização lúdica e corporal, entendendo-se que alunos de séries iniciais são brincantes, ou seja, mormente lúdicos. Investigar qual o papel do corpo na educação infantil, quais suas interações com a aquisição da leitura e escrita, acreditando que a criança deva trabalhar sistematicamente o esquema corporal e suas implicações, poderá facilitar a decodificação dos símbolos, na leitura e na escrita, ou seja, com a intermediação do corpo, diminuindo conflitos com letras p/b, w/m, q/p, letras que gramaticalmente vem antes de p e b, números como, 6/9, 12/21, E/3, enfim, pretende-se apresentar opções metodológicas que poderão acrescentar no cotidiano do professor de sala de aula. Como metodologia, o estudo visa à observação de crianças de 6 anos de idade, onde far-se-á uma comparação entre duas escolas que abordam metodologias diferentes em seus processos de alfabetização infantil, ou seja, instituições que utilizam o jogo e o corpo, e uma outra escola que nega o movimento como meio de contribuição da construção do conhecimento. Pretende-se concluir ao final dessa pesquisa que é relevante a presença dos esquemas corporais a partir do uso de atividades lúdicas no processo da construção do conhecimento de crianças de séries iniciais.

Palavras-chave:

CORPOREIDADE, CRIANÇA, LEITURA.

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa leva em conta as fases do desenvolvimento motor e cognitivo da criança, pesquisando e estudando a relação da corporeidade e o ato de aprender, verificando quais são as metodologias utilizadas para atingir o processo de alfabetização, valorizando as vivências e o mundo da criança, onde o conteúdo deve ser trabalho de forma que o aluno adquira significado e construa sua identidade, compreenda sua realidade, desperte sua curiosidade e motive-se para uma atitude de construção no mundo em que vive.

Cabe salientar que, se tratando de aprendizagem, não podemos esquecer que a mesma não se dá apenas ou a partir da corporeidade, sabemos que existem outros fatores que contribuem para efetivação da aprendizagem: fator emocional, social, psicológico, biológico e afetivo. Nosso foco, no entanto, nesta pesquisa estará voltado para o corpo e suas interferências na alfabetização, isto não significa que iremos negar os outros aspectos que de certa forma gera total influência na vida de toda criança, principalmente no que se refere a sua formação escolar.

Observo que o processo escolar em grande escala visa o aprender somente em sala de aula, fazendo com que as crianças não vivam realmente em seu mundo, deixando de lado o movimento, a brincadeira, a fantasia, o "faz de conta", a ludicidade, negando que alunos de séries iniciais são brincantes, ou seja, mormente lúdicos. É fundamental enfatizar neste trabalho, aquilo que nos ensina Le Breton (2006: 07) "antes de qualquer coisa, a existência é corporal". A criança quando brinca, vivencia experiências motoras diversificadas, soluciona problemas durante o brincar, lidera algumas situações, seguramente está aprendendo no seu aspecto concreto, favorecendo um aprendizado significativo e consistente.

Trabalhar a criança em sua totalidade, respeitando-o como ser único e considerando sua necessidade de relação com o mundo, conhecimento de si próprio, bem como de seu corpo, proponho observarmos o aprender pelo olhar da corporeidade que é a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo. Este corpo apresenta-se como a base de percepção e organização da vida humana nos sentidos: biológico, antropológico, psicológico e social. Dessa forma, as nossas formas de falar, olhar, sentir, andar e pensar representa nosso modo de viver, podendo-se dizer que o corpo é um corpo no mundo que possibilita, na escola, a congregação de representações mentais e absorção concreta. É importante que possamos viver intensamente nosso corpo, mantendo com ele uma relação íntima de conhecimento.

A inserção de um corpo humano em um mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo podemos chamar de corporeidade, um corpo vivenciado, propício para receber informações, códigos e fazer suas leituras.

Minha vivência como educadora tem mostrado que a escola, ao tentar conter a expressividade do movimento infantil para manutenção da ordem e da disciplina, faz com que a criança passa a ver o ambiente escolar como um lugar castrador que não promove encontros de aprendizagem pela via da ludicidade e do movimento espontâneo, pois a criança que não tem nenhuma estruturação ou definição do esquema corporal possuem dificuldades em vários aspectos, impedindo assim que a mesma faça as relações com o mundo da escrita e da leitura, decodificando assim os códigos desta relação, mas não utilizam o corpo como um eixo norteador do aprendizado infantil, considerando que a criança em sua primeira infância apresenta como principal característica a intensidade de suas atividades motoras, seu mundo simbólico e fantasioso, assim percebem que seu corpo não precisa estar estático para que o cognitivo trabalhe.

Será possível trabalhar a corporeidade infantil nas disciplinas "ditas de sala de aula" como uma das propostas metodológicas que auxilia o professor em seu processo de alfabetização? Será possível acrescentar o jogo, o brinquedo e o movimento na busca da aquisição da leitura e escrita? Ou será uma função única da educação física trabalhar a corporeidade e suas implicações na escola?

O corpo, o movimento, os jogos e o brinquedo são vistos dentro da escola somente como conteúdo exclusivo das aulas de educação física e segundo Gomes (2001), sua pesquisa, constatou que a brincadeira na sala de aula quase sempre é dirigida ou sugerida pela professora para resolver questões centradas, principalmente, nas dificuldades dos alunos. São brincadeiras para ensinar a grafia do "r" e do "rr", para ensinar a entender o que é um "herbívoro", para dar noção de "tempo", "ordem", "seqüência". Assim, uma brincadeira com bola de gude tem o objetivo, na sala de aula, de "fazer o guri aprender a contar". Muitas vezes a brincadeira acontece no fim da aula. A finalidade é a ocupação de um tempo livre para não perturbar os colegas e principalmente a professora. Ou então pode

significar uma trégua no trabalho intelectual, sugerido pelos meninos e entendido pelas professoras como descontração, distração, ou seja, uma espécie de "refresco". Eis algumas vozes de professores que exemplificam:

"- Aqueles que vão terminando, ao invés deles ficarem conversando alto ou andando pela sala. (...) brincam ali no canto... Às vezes tem um gibi (...) Figurinha (...) São brincadeiras que não atrapalham. (...) (E.L.E./F – 28 anos).

"- Por exemplo... você trabalhou Português Matemática, já estão cansados, né? Então é um momento de distração, um momento de participar em grupo... pra dar uma refrescada..." (R.S.I./F – 28 anos).

Diante desta pesquisa em uma escola, quero pautar minha proposta, enfatizando a necessidade de revermos nosso trabalho enquanto mediadores do conhecimento infantil e reformularmos nossos planejamentos pensando em novas formas de ensinar e alfabetizar.

2 METODOLOGIA

Como metodologia, o estudo visa à observação participante e aberta de crianças de 5 anos de idade, onde far-se-á uma comparação entre duas escolas uma de segmento particular e uma segunda escola da rede pública de ensino que abordam metodologias e olhares diferentes em seus processos de alfabetização infantil, ou seja, uma instituição que valoriza o jogo e o corpo, e uma outra escola que nega o movimento como meio de contribuição da elaboração e construção do conhecimento. Estão sendo estudados sessenta alunos do sexo masculino e feminino inseridos no primeiro ano do ensino fundamental (considerando o ensino de nove anos).

Durante a pesquisa foram feitas 28 incursões divididas entre as duas escolas. A observação será realizada sem a intervenção do pesquisador, em salas de aula e pátios da escola, foram aplicadas entrevistas e questionários, com intuito de fazer a análise e interpretação das concepções e práticas efetivas dos professores e comportamentos dos alunos diante das aulas.

A observação participante aberta, segundo Bailey (1994) e Sellitz et al. (1967), ela não exclui, entretanto, como poderia deixar de ser, o emprego de outros métodos de coleta de dados, igualmente válidos nos trabalhos de pesquisa em educação sendo também possível, no caso da observação direta, a utilização de questionários e entrevistas. Em Viana (2003:18), uma observação pode ser considerada aberta quando o observador é visível aos observados que sabem que estão sendo objeto de um pesquisa.

3 REFERENCIAIS TEÓRICOS

A minha grande preocupação e inquietação é que os educadores se ocupam muito com os métodos de ensino, com vencer conteúdos, com o transmitir

conhecimentos previamente preparados, mas acaba por fazer do aluno um agente passivo de aprendizagem, um mero receptor de informações. Entendemos que o educador deve criar possibilidades para que o aluno construa o conhecimento e não apenas o receba como ato de aprender. O grande desafio para o educador no contexto atual de educação, diante de tantas informações e da tecnologia, é ensinar os conteúdos propostos pelo projeto escolar de forma criativa, contextualizada e prazerosa para os aprendizes. Que o aluno possa internalizar e interagir com o aprendizado, fazendo do mesmo um ato significativo, assim é preciso que a escola mostre aos pais, alunos e professores uma razão de estudar, sem deixar que o aprendizado se torne uma habilidade mecânica e segundo Postman em seu livro "O fim da educação" define muito bem este fato:

"Esta modalidade de razão é um pouco abstrata, nem sempre está presente na consciência, não é fácil descrevê-la. E, no entanto, apesar de tudo, sem ela a escolaridade não funciona. Para que a escola tenha algum sentido, os jovens, seus pais e professores precisam ter um deus a quem servir, ou, ainda melhor, vários deuses. Se não tem nenhum, a escola é inútil. (...)" (Postman, 2002: 12).

Na perspectiva de Santos,

"(...) o grande desafio é alfabetizar a criança a partir de seu próprio cotidiano, sem deixar de lado a aprendizagem social (conhecimento elaborado historicamente), respeitando seu processo global de desenvolvimento. Gostaria de dizer que a aprendizagem escolar é um processo que exige muitos sacrifícios por parte do aprendiz. É necessário fazê-lo entender que o conhecimento não é uma coisa acabada, pronta; e que não está apenas nos livros escolares (...)" (1998: 63)

Ainda em Santos,

"(...) quanto mais significativo o conhecimento for para o aprendiz, maior e mais adequada será sua relação com o mundo social e com a natureza. É bom lembrar que onde há criança, há movimento, barulho, risos e música." (1998:63)

A corporeidade é uma dimensão importantíssima a ser considerada pela escola nessa construção de uma razão nas séries iniciais. É através do corpo que o ser humano recebe todas as informações e inicia sua fase de construir o conhecimento, mostrar a importância da corporeidade, como surgiu a preocupação educacional com o corpo e o que os educadores podem fazer para que as crianças descubram sua corporeidade e que por meio dela possam adquirir um aprendizado contínuo.

"Os desenvolvimentos físico e perceptivo têm uma grande importância para a criança, já que o corpo constitui a base orgânica na qual se assentará a personalidade infantil. O corpo é um instrumento que permite realizar os processos básicos de adaptação ao meio exterior e é o canal de comunicação com os demais seres humanos" (Arribas, 2004: 35-36).

Através do movimento a criança deve sentir-se livre para expressar o que está sentindo, por isso é de extrema importância, trabalhar os movimentos desde os primeiros meses de vida, respeitando o ritmo natural. Pois, o ser humano necessita estar constantemente se movimentando, usando as capacidades mentais e estimulando as corporais em três dimensões: a corporal, a afetiva e a cognitiva.

Todos nós, bebês, crianças, adolescentes e adultos estamos envolvidos no processo permanente de aprender a mover-se com competência e controle, em reação aos desafios do cotidiano, de forma que o mesmo se dá através de experimentar e vivenciar tais movimentos, onde, em determinada fase da criança, a escola se torna responsável em favorecer as oportunidades para que o aluno se desenvolva em potencial.

No entanto, a disciplina de Educação Física muito têm a contribuir para com este processo. Por ser a disciplina que envolve a dimensão motora, cognitiva e expressionista, a sua relação com a leitura é quase que intrínseca, porém, viabilizada de formas diferentes como, por exemplo, a leitura corporal e imagética.

Com a difusão da alfabetização garantiu, então, a expansão de uma certa modalidade de leitura à grande maioria do corpo social, ao mesmo tempo em que permitiu a uma minoria da população ascender à categoria de leitor qualificado, pela adoção da leitura como prática familiar e social, ou mesmo pelo prolongamento da escolaridade.

Entende-se por alfabetizado o indivíduo que, através do ensino ministrado, adquire o hábito de oralizar a língua escrita, pois este é o comportamento que as metodologias de alfabetização se propõem a realizar. Aliás, parece que esse foi, desde sempre, o objetivo que a escola dos rudimentos da capacidade de ler, escrever e contar buscou atingir. A opção pela alfabetização permitiu a divulgação de uma estratégia extremamente rudimentar de leitura; diante de um texto escrito, o alfabetizado adquire um mecanismo que lhe permite falar o texto.

Para aquelas sociedades que alcançaram êxito na generalização da alfabetização, o sistema parecia funcionar satisfatoriamente: assegurava a alfabetização para todos e selecionava uma minoria que, superando as limitações das metodologias, conseguia atingir o estágio de leitor fluente. Estes usufruíam plenamente das vantagens do saber ler, enquanto aqueles alfabetizados se tornavam socialmente adequados.

Segundo Elisabete e Maria Teresa (1991:17) os problemas de aprendizagem que podem ocorrer tanto no início como durante o período escolar surgem situações diferentes para cada aluno, o que requer uma investigação no campo em que eles se manifestam.

Qualquer problema de aprendizagem implica amplo trabalho do professor junto à família da criança, para analisar situações e levantar dados, visando descobrir o que está representando dificuldade ou empecilho para que o aluno aprenda.

O professor deve ter em mente uma noção bastante clara do que é normal, problemático ou anormal no comportamento infantil. Os problemas de aprendizagens dizem respeito às situações difíceis enfrentadas pela criança normal ou pela criança com um desvio no quadro normal, mas com possibilidades de aprendizagem em longo prazo.

Quando a criança não realiza o que se espera dentro de uma programação idealizada de ensino é considerada com problemas de aprendizagem, onde neste caso é necessário um acompanhamento de profissionais preparados para diagnosticar e solucionar a questão.

Segundo Mattos e Neira (2002:79), "o ser humano amplia e constitui conceitos continuamente, mas esta ampliação depende de elementos internos e externos ao indivíduo. Para a constituição de um conceito é necessário também o estabelecimento e a compreensão das relações múltiplas possíveis existentes entre os significados. Ao compreender está rede de relações, o indivíduo constitui categorias de pensamentos que vão permitir, por sua vez, a compreensão de relações de redes mais complexas. Exemplificando, não é só construir o significado da palavra ímã como significante de um objeto ferroso que gruda em outro, mas compreender como e porque isto ocorre compreender qual a relação entre as cargas, compreender o que é campo magnético, relacionando estes fatos com fenômenos da natureza, como a queda do raio etc.

Ainda baseado em Neira:

"a construção de conhecimento deve ser, portanto um processo: ele se constitui ao longo de um tempo e de forma organizada. Ele caminha no sentido da complexidade crescente, o indivíduo vai de conceitos com menos elementos para conceitos mais abrangentes. E finalmente extrapola a noção de compreensão da palavra, dos objetos, para o conhecimento da língua, fenômeno científico, das transformações da natureza, o que supõe uma dinâmica relação com o ambiente e interação social. O ato de aprender é freqüente e constante que nos acompanha durante toda a nossa vida e sofre ao longo dela influencias de fatores internos e externos" (2002: 79-80).

Piaget sempre enfatizou a contribuição da criança na construção do seu próprio pensamento, ou seja, a criança como agente do seu próprio desenvolvimento, em constante interação com o mundo dos objetos físicos e o mundo das relações sociais, onde ao mesmo tempo este organismo passa por um processo de maturação biológica.

Segundo BORGES (1987:106), "é a partir destas interações (organismo-meio físico e social) que a criança constrói formas cada vez mais elaboradas, de adaptar sua inteligência à complexidade do mundo que a rodeia".

Juntamente com os aspectos cognitivos e biológicos quero relacionar a importância do movimento, onde é necessário levar em consideração vários aspectos como: ambiente em que a criança vive, condições psicológicas, físicas e culturais. Não podemos considerar o ato motor de forma isolada, pois seria o mesmo que separar corpo e mente, esquecendo que o ser humano é um único ser, com suas habilidades e limitações.

O desenvolvimento do homem é gradativo e evolui com o passar dos tempos de acordo com os estímulos que recebe. Por isto é importante e necessário respeitar as fases do desenvolvimento motor e intelectual, desde o nascimento, para que o amadurecimento precoce não provoque problemas futuros. Como minha

intenção é focar na corporeidade como uma das vertentes necessárias para o sucesso na aprendizagem, quero destacar uma citação importante, onde segundo José e Coelho (1991):

"Quando se fala das dificuldades de leitura e escrita, e especificamente do processo da alfabetização, é muito importante que sejam questionadas as condições da criança que o inicia, verificando se ela já adquiriu suficiente desenvolvimento físico, intelectual e emocional (...). Ao alfabetizador cabe a responsabilidade de, através de situações concretas envolvendo objetos e o próprio corpo do aluno, com atividades motoras, preparar a criança antes de expô-la a atividades gráficas." José e Coelho (p.77).

As autoras citadas acima fazem em sua fala uma relação com os aspectos que é preciso que seja trabalhado na educação infantil, pois leitura e escrita depende também uma complexa interação de processos neurológicos e de uma harmoniosa evolução de habilidades básicas como percepção, esquema corporal, lateralidade, orientação espacial e temporal, coordenação viso motora, ritmo, habilidade auditivas e visuais, memória cinestésica e linguagem oral, bem como suas implicações.

A partir destas noções importantes na preparação deste indivíduo na educação infantil, proponho um trabalho metodológico utilizando do corpo, para uma melhor qualidade no ensino e como um auxílio importante na alfabetização escolar.

Segundo João Batista Freire em seu livro: não podemos e não devemos padronizar o movimento infantil, pois, a construção dos mesmos depende de situações e fatores biológicos e psicológicos de cada pessoa, quanto das condições do meio ambiente em que ela vive. Assim, por exemplo, não tenho qualquer dúvida de que, fora situações especiais que gerem deficiências, toda criança que nasce possui recursos biológicos para respirar. Porém, isso não garante que ela respire. Um dos elementos indispensáveis ao ato de respirar o oxigênio do meio externo não nasce com o indivíduo: é um componente vital que não pertence a ele, onde a respiração somente acontecerá no momento em que aparelho respiratório e oxigênio se encontrarem. Portanto, ao descrever qualquer ação, qualquer movimento, não posso deixar de considerar que o ser humano é uma entidade que não se basta por si. Parte do que ele precisa para viver não está nele, mas no mundo fora dele.

Não podemos definir maneiras corretas de movimentação das crianças sem sequer entendê-las como seres que vivem em sociedade num determinado mundo.

Este tema surgiu da necessidade de abordar o assunto jogos e a corporeidade não apenas como simples entretenimento, mas como atividades que possibilitam a aprendizagem de várias habilidades. O objetivo é correlacionar o lúdico, a brincadeira de infância, o movimento com recursos capazes de contribuir para o desenvolvimento das funções cognitivas da criança. O jogo é reconhecido como meio de fornecer à criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, que possibilita a aprendizagem de várias habilidades incluindo as habilidades motoras. Em Psicologia, aprendizagem é o processo de modificação da conduta por treinamento e experiência, variando da simples aquisição de hábitos às técnicas mais complexas. Por desenvolvimento, a designação do ato de

desenvolver, progredir, crescimento paulatino. A brincadeira infantil é um importante mecanismo para o desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Piaget (1976) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Estas não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual.

Durante muito tempo confundiu-se "ensinar" com "transmitir" e, nesse contexto, o aluno era um agente passivo da aprendizagem e o professor um transmissor. Seu interesse passou a ser a força que comanda o processo da aprendizagem, suas experiências e descobertas, o motor de seu progresso e o professor um gerador de situações estimuladoras e eficazes. É nesse contexto que o jogo ganha um espaço como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno. O jogo ajuda-o a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva o professor à condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se concluir ao final desta pesquisa que a corporeidade é uma dimensão importantíssima a ser considerada pela escola no processo da construção do conhecimento de crianças de séries iniciais, mais exatamente com a idade de seis anos.

É através do corpo que o ser humano recebe todas as informações e constrói sua personalidade e seu conhecimento, o corpo apresenta-se como a base de percepção e organização da vida humana nos sentidos biológico, antropológico, psicológico e social.

Com essa pesquisa pode-se entender melhor sobre as necessidades infantis de movimentar-se e expressar-se corporalmente, o que colaborou muito para a mudança da prática docente na Educação Infantil da segunda escola que, na pesquisa não trabalhava com a ludicidade em seu planejamento efetivo, como fonte metodológica na alfabetização em sua sala de aula, pois a partir do momento em que conhecemos melhor as áreas psicomotoras podemos aperfeiçoar as atividades para que a criança possa adquirir habilidades e capacidades que trarão benefícios tanto para sua escolarização como para sua vida social.

Nas análises dos dados pudemos compreender dessa forma, o nosso falar, olhar, andar, sentir e pensar representam nossos modos de vida, podendo-se dizer que o corpo é um corpo no mundo que possibilita, na escola, a congregação de representações mentais e absorção concreta, constatando assim que " o cérebro não é o órgão da inteligência, mas o corpo todo é inteligente; nem o coração, a sede dos sentimentos, pois o corpo inteiro é sensível. O homem deixou de ter um corpo e passou a ser um corpo". (Freitas, 1999, p: 62).

Uma importante observação e consideração final é a de que o nosso corpo, como corporeidade, como corpo vivenciado, não é o início e nem o fim, é sempre o meio, no qual e por meio do qual o processo da vida se perpetua e vai além, pois quando ela é evidenciada através do jogo podemos observar que brincar não

significa apenas recrear, é muito mais, pois é uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo.

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Teresa Lleixá. **Educação Infantil, desenvolvimento, currículo e organização escolar**. Editora Artmed, 2004.

BORGES, Célio José. **Educação Física para o pré-escolar**. Rio de Janeiro: SPRINT 3ª edição, 1987.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. Editora Scipione 2ª edição.

FREITAS, G. G. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 1999.

GOMES, Cleomar Ferreira. "**Meninos e brincadeiras de Interlagos: um estudo etnográfico da ludicidade**". Tese de doutoramento. São Paulo: USP/FEUSP, 2001.

HAETINGER, Max G.. **O Universo Criativo da criança na educação**. Instituto criar, 2005.

JOSÉ, Elisabete da Assunção e COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. Editora Ática 3ª edição, 1991.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Campinas Papyrus, 2003.

MATOS, Mauro Gomes de. **Educação Física Infantil: inter-relações: movimento, leitura, escrita**. São Paulo, Editora Phorte Editora, 2002.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. 4ª edição. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1976.

POSTMAN, Neil. **O fim da educação: redefinindo o valor da escola**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

SANTOS, Carlos Antônio dos. **Jogos e atividades lúdicas na alfabetização**. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.